

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

**A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas**

MARIA TERESINHA CABRAL

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

MARIA TERESINHA CABRAL

Nasceu em Santa Rita do Sapucaí (MG), filha de pais humildes, tem oito irmãos, sendo a filha mais velha. Concluiu o curso normal na sua cidade. Veio para Belo Horizonte fazer o curso de enfermagem sob a influência de Izaltina Goulart de Azevedo. Morou no internato da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) no período de direção da Irmã Villac e posteriormente da Irmã Fuíza.

Segundo a entrevistada, as aulas teóricas eram administradas por médico se a prática pelas freiras. Utilizava-se um boneco como treino da prática. O uniforme utilizado pelas alunas era branco com o avental azul, touca e redinha no cabelo.

Fez estágio no hospital São Vicente (atual Hospital das Clínicas) em várias clínicas: pediatria, ortopedia, neurologia e obstetrícia. O estágio de saúde pública foi em Congonhas do Campo, interior de MG. Segundo a entrevistada foi um estágio muito rico. Participou, como aluna, das comemorações da semana da Enfermagem e do Congresso Internacional em Quintandinha (RJ).

Formou-se em 1954, período em que a EECC estava anexada à Faculdade de Medicina da UFMG. As comemorações da formatura foram adiadas, segundo a entrevistada, por questões políticas.

Trabalhou em saúde pública na sua cidade, exerceu sua atividade no Hospital São Vicente por um ano. Trabalhou no SESC (Serviço Social do Comércio) e no Pronto Socorro Infantil. Foi para São Paulo, adquiriu experiência em traumatologia e neonatologia. Voltou para Belo Horizonte, fez concurso no Estado, sendo então convocada para trabalhar no Hospital Sávio Nunes e na saúde pública do Posto de Saúde Oswaldo Cruz até 1975. Foi aposentada por invalidez. Após a sua aposentadoria dedica-se à sua família. Relata a vontade de realizar um trabalho voluntário.

Na visão da entrevistada o atendimento da enfermagem atual está deixando a desejar, se comparando à enfermagem da década de 1950.

A entrevistada relata sua emoção ao visitar a Mostra dos 65 anos da Escola de Enfermagem da UFMG, realizada em 1998.

SUMÁRIO

FITA 1 - LADO A

A sua infância; a influência de Izaltina Goulart na escola do curso de Enfermagem, o papel das alunas da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC); o internato; a entrevistada menciona a EECC como prestadora de serviços; o processo de seleção para o ingresso no curso de enfermagem; o espaço físico do internato; o relacionamento entre alunos e professores; os horários rígidos do internato; a precariedade de materiais para o estudo de enfermagem; o livro de Waleska Paixão; a relação de namoros e as pequenas transgressões; a emoção da entrevistada ao lembrar de sua colega Yole Carvalho Mazzoni; o adiamento da data de formatura; a vida religiosa das alunas; as comemorações da semana de enfermagem; menção a Marina Andrade Rezende; o estágio de saúde pública; a relação entre a fisioterapia e a enfermagem .

FITA 1 - LADO B

A supervisão dos estágios realizada pelas freiras; os uniformes; o transporte das alunas : Coramina ou bonde; o relacionamento das alunas com médicos e professores nos campos de estágio; menção a alguns “pacientes especiais”; o namoro das alunas com médicos; diferenças entre a Irmã Villac e a Irmã Fíuza; o significado da imposição de insígnias; o ensino teórico e a relação com a prática; a aluna que foi convidada a sair da EECC; menção ao congresso internacional no Rio de Janeiro; a inexistência de uma organização estudantil na EECC; a localização do Diretório Central dos Estudantes (DCE); menção a greve realizada pelas alunas da EECC; a dificuldade em trabalhar com pacientes de classe social mais favorecida; a falta de adaptação da entrevistada, após formada, no interior e no Rio de Janeiro; locais de trabalho; o trabalho no Pronto Socorro Infantil e sua experiência em São Paulo.

FITA 2 - LADO A

Menção ao seu trabalho com vacinação no SESC e em São Paulo com traumatologia; o concurso do Estado e sua classificação em 2º lugar; menção a sua doença e sua experiência como paciente; a diferença da enfermagem da década 50 para a enfermagem de hoje, segundo a visão da entrevistada; a emoção da entrevistada ao visitar a Mostra dos 65 anos da Escola de Enfermagem da UFMG; menção aos uniformes ao rever as fotos junto com as escolas de enfermagem; agradecimentos e despedida.

[FINAL DA ENTREVISTA]
[LADO B NÃO FOI GRAVADO]

FITA 1 - LADO A

Geralda: Teresinha, é... fala pra gente um pouco sobre a sua vida, infância, como é que foi a sua vida, desde que você nasceu, onde nasceu, como é que foi isso?

Teresinha: Nós éramos pobres, mas assim o papai deu assim uma formação muito boa, sabe, [emocionou, choro], e éramos, somos nove irmãos e eu sendo a mais velha, depois que eu concluí o colegial, eu senti que lá na minha cidade pequena, não tinha um, um, curso, alguma coisa que eu pudesse fazer, que eu pudesse ter uma profissão e tal. Izaltina Goulart [de Azevedo], já tinha, é da minha terra, já tinha vindo, já era enfermeira, já estava como professora da Escola, né, ela é que me animou, sabe? Disse: “Vamos, e tudo, que, é, esse curso, tem um mercado ótimo de trabalho, vocês vão viver assim como uma família, tem o internato sem despesa e a gente ainda consegue bolsa para pequenas despesas, né”. Nessa época, o Estado dava bolsa, o SESP [Serviço Especial de Saúde Pública] dava bolsa, então eu vim com a bolsa de, de, de, de estudo, através de informações da Izaltina. Cheguei aqui já tinha passado a seleção, mas me [gaguejando], fizeram individualmente outro, outra seleção comigo e eu entrei na Escola. E, nós entramos pro internato da Estevão Pinto, que ainda era rua do Chumbo naquele tempo, né? Nós éramos 18 numa turma, e todas assim, quase que do mesmo nível, gente assim mais, mais humilde, e todas de fora, não tinha ninguém de Belo Horizonte. Tínhamos do Piauí, tínhamos do Espírito Santo, sul de Minas, interior. Mas ninguém de Belo Horizonte, ninguém tinha família aqui. De modo que nós, lá é que, e naquele tempo a Escola não dava férias, não tinha o ano letivo como tem agora não. Então de vez em quando dava uma semana pra gente ver os pais, né, eu ia, viajando de trem, Maria Fumaça [riso], ficar dois dias e uma noite, mas ia né! E o, no internato, era agradável, era bom, era gostoso, tinha a Jojoca [Georgina Otoni Chagas Monteiro] né, que era a ecônoma, que funcionava assim como conselheira, como educadora, como, tinha uma série de funções conosco, né. E nos 6 primeiros meses de curso, a carga maior era de fundamentos de enfermagem e depois de 6 meses a gente já ia pro, pro campo né. E, eu acho até que a Escola era quase que uma prestadora de serviço, porque no, no São Vicente, no São Geraldo [hospital] por ali, não tinha quase funcionário não, era a Escola que mantinha tudo né. Era o, o

nosso dia era, a gente ficava mais tempo no trabalho do que em sala de aula. Trabalhamos muito mesmo.

G.: Vamos falar um pouquinho dessas coisas todas que você já falou, Teresinha. Vamos voltar um, lá na sua cidade ainda aonde que você nasceu e ver assim os cursos que você fez, antes de você vir para Belo Horizonte para fazer os estágios.

T.: Naquele tempo nosso, o ensino não muda muito né. A gente fazia as 4^a séries, as, os 4 anos do primário, e depois fazia 2 anos de fundamental e 3 anos de normal. Quando eu terminei meu normal foi que vim, curso normal, era curso de formação pra professora né; colégio de freira, né?

G.: Além da dona Izaltina, além da dona Izaltina, alguém mais influenciou a senhora pra fazer enfermagem, como é que foi esta escolha?...

T.: Não, só foi a Izaltina mesmo... Não que eu estava assim, naquele período, que acho que 18 anos, naquele tempo eu não sei se a gente era adolescente, ou era adulto, eu não sei, mas eu estava buscando assim, sabe, querendo sair, que eu vi que a cidade não, eu só tinha um curso de engenharia, engenharia eu não ia fazer. Eu queria estudar, fazer algum outro curso, ter uma profissão e tudo, mas não pensava assim eu queria saber, que engenharia eu não queria, inclusive naquela época mulher não fazia engenharia, eu seria a única né? Então eu pensava assim, em fazer alguma coisa e já voltar formada, com emprego bom, ganhando ..., o meu, meu plano era de voltar, mas não voltei não [risos]. E, mas, foi a Izaltina que me encaminhou, que me entusiasmou, que me falou, sabe? Antes da profissão, da profissão ...

Valda: Antes da dona Izaltina falar, é, ter contato com você, o que que você sabia sobre enfermagem? O que que te falavam sobre enfermagem?

T.: Nada assim de técnico, não. Você entra numa Santa Casa, você entra num consultório médico, entra num ambulatório, todo mundo está de branco ali, você acha que é enfermeira, né, a enfermeira te fez vacina, a enfermeira fez isso né? Então eu tinha aquela, aquela noção, a enfermeira era aquela pessoa que fazia o atendimento ali no posto médico, que eu ia na minha infância né, aquelas que entravam lá pelo, pelos corredores dos hospitais quando eu ia visitar alguém né? Não tinha, mais conhecimento nenhum, não vou dizer que eu tinha vocação, porque eu nem sabia o que que era né, eu tava assim numa busca e que alguém me mostrou um caminho, eu segui, e eu acho que deu certo!

G.: E para a sua família, para o seu, para a sua família, os familiares em geral, os amigos, o que eles achavam de você sair da sua cidade e vir fazer enfermagem?

T.: Não, o papai no início ele pôs um pouco de barreira, que dizia assim ó: “Belo Horizonte é muito longe”, mas era mesmo, duas, dois dias e 1 noite de, de Maria Fumaça, trezinho né, “É muito longe, a gente não tem parente lá, né”, “Não pai, mas eu vou ficar no internato, é de freira né, pra [riso], é de freira”, e realmente tinha freira, né, tomando conta também né. Mas, e, não teve assim nem muito obstáculo, nem muito sabe?

G.: Quando que foi que você che..., veio para Belo Horizonte pra fazer enfermagem e fala sobre essa seleção, que você disse que parece que você não fez, ou se fez como é que foi?

T.: Oh! A gente trazia o histórico Escolar, o, o, toda a documentação da gente, né, a, era Vilaça a diretora da época? Tem hora que eu esqueço o nome ...

V.: Villac [Irmã Helena].

T.: Villac. A irmã Villac que atendia. Aí e tal, ela olhava a documentação toda, fazia uma entrevista, né, e depois uma professora, que eu não lembro quem era, não sei se era da Escola, ou de fora ia com você numa sala, então tinha português, matemática, um pouquinho de cada coisa assim sabe, você fazia as provinhas escrita e pronto, sabe?

G.: Alguma coisa assim interessante logo na, na, na, chegada sua pra esse internato, nesse processo da sua entrada na Escola, alguma coisa que chamou a sua atenção ...

T.: Olha, eu gostei, que eu achei que a casa era maravilhosa né? Aquela imponência, era no meio, tinha mata, tinha pomar, tinha piscina, mas era deliciosa né? E, e, muita, muita gente, né, quando eu entrei eu fui no, no dormitório acho que de 15 assim já de uma vez, né, e, e, eu gostei, a minha impressão foi boa, a comida era boa. Eu ... achei bom!

V.: Onde que era essa piscina?

T.: No fundo tinha uma parte cimentada, depois um murinho, você descia uma escada, era uma piscina, até ontem eu tava caminhando com a Luciana [sua filha] não é essas piscinas, que nós começamos, conhecemos, ela era toda de pedra, bem funda, sabe, retangular, tinha umas pilastras assim do lado que plantaram trepadeira, então você ficava assim no meio de, de, de folha, de verde, dentro d'água sabe?

V.: No quintal?

G.: No quintal. E aí depois ainda tinha mais quintal, tinha jaqueira, tinha muita vegetação, muita coisa sabe?

V.: Quem que freqüentava a piscina, como é que era o uso da piscina?

G.: Não, não era assim autorizada, nem programada, chegava lá num domingo que a gente tava de folga, tava calor, tava não sei o quê, a gente animava, ia de balde, de mangueira, limpar “coisar”, pra passar umas horinhas lá, sabe? Pra passar umas horinhas lá.

V.: Alunas, professoras?

T.: Não, nas alu..., os professores não se misturavam com os alunos, elas tinham [gaguejando] a ala do, do, dos quartos delas separados, refeitório separado, sabe, era uma coisa assim, sabe! Deus lá em cima eu cá em baixo! Não tinha papo, não tinha assim, sabe? Mesmo por exemplo a Izaltina que era minha conterrânea, que a gente tudo né, ela vinha até, a gente no corredor e tudo, mas não tinha aquela intimidade de você entrar num quarto de uma professora, de você conversar com uma professora, você não tinha não.

V.: Quem morava no internato?

T.: Uai, a Izaltina, a D. Carmen, professora de Educação Física.

G.: Carmen Mesantier? [Carmen Dolores Mesantier Brandão]

T.: Mesantier morava, a Izaltina tinha sempre uma freira, né, além da Jojoca, uma freira, né, e, e, na parte de baixo, no porão tinha o, os serviçais moravam lá né. Tinha cozinheira, tinha pessoal da limpeza.

V.: Você lembra de alguém?

T.: Lembro. Íris [Soares de Oliveira] que casou com Geraldo, que era o, o motorista da Coramina, né?

V.: Como que era isso, você lembra, que lembranças você tem da Íris nesse período?

T.: Era nova, bonita, morena, risonha, alegre, né? Ela, ainda está na Escola?

V.: Tá, tá viva!

T.: Casada com o Geraldo ainda?

V.: Morreu, Beraldo!

T.: Ah! Beraldo [José, Oliveira], não era Geraldo, Beraldo, morreu né? Eu tenho até foto dele aqui. Morreu, né?

V.: Mais o que da casa que você se lembra?

T.: Eu lembro a disciplina né, que era rígida. Tinha o sino tchu, tchu, tchu [gesticulava com a mão], levantar de manhã, tchu, tchu, tchu, refeitório, não podíamos descer à vontade para o refeitório, de chinelo, de robe né, mas mesmo se você tivesse de folga tinha que ir vestida direita, sabe? Já tinha as mesas certas, os locais certos né. E a Jojoca olhando “não ponha [bate na mesa] braço na mesa não menina”. Olhando, né, vigiando, né, tomando conta, pra gente comer direito e tudo, ela olhava muito a etiqueta, a mesa e tudo né? E ... e tinha, a única coisa ruim, ruim do internato eram os banheiros, eram precários sabe? Os banheiros eram precários, mas os dormitórios, salão de festas, o dormitório, o refeitório quando necessário

eles transformavam em salão. As solenidades que tinham, eles tiravam a mesa né, as festas, tudo era nesse refeitório que era um salão enorme.

G.: E as refeições, a alimentação como é que eram?

T.: Era boa, tinha o café da manhã, tinha o almoço, tinha o jantar, a noite dava um chá, era bom, eu pelo menos gostava. Tinha gente muito, que reclamava sabe, mas eu pelo menos gostava, muito bem!

V.: As frutas do pomar eram usadas? Vocês ...

T.: Eram, nós ficamos lá vigiando lá de cima: “a jaca, já vai cair, vamos lá pra baixo? Vamos!” Utilizávamos.

V.: Hum hum.

G.: Nessa época você falou né, que além das alunas, tinham outros né professores, instrutores que também moravam no internato ...

T.: Moravam.

G.: E quem que pagava o internato? Pagava-se o internato?

T.: Nós, não! Agora por exemplo: a Izaltina tinha uma irmã que não era, que não tinha ligação com a Escola, a Guiomar [Goulart de Azevedo] morava lá; A Maria José que fazia enfermagem comigo, levou uma irmã para morar lá. Mas, não, não, não entendo assim como foi dada o a permissão, ou se, é né, se elas tinham algum cargo financeiro, isso eu não sei não!

V.: Elas tinham alguma função lá na Escola, essas parentes?

T.: Não. Que a gente soubesse não!

V.: Que você se lembre?

T.: Que a gente se lembre, que eu me lembre ou que a gente soubesse não, sabe? Morava lá.

G.: É, tinham vários espaços que você já falou pra gente né do internato. E em relação pra estudo tinha ...

T.: Para estudo não! Estudo, nossa! Era coisa mais precária, que eu achei nesse, desse curso foi o estudo mesmo! Primeiro, não tínhamos uma biblioteca, não havia edição nenhuma de livro, pra, pra estudo de enfermagem, não ha..., a Escola não dava apostila, não dava nada. Nós estudávamos simplesmente, com os talentãozinhos corridos que a gente tomava durante as aulas. E pra te falar a verdade, não tinha nem muito o que estudar, porque nós tínhamos mais trabalho do que, do que de aula né, do que material né? Então nós, nós tínhamos pouco tempo pra estudar, mas sempre como em toda turma tem as mais aplicadas, tinha uma Adalgiza da Bahia que tinha feito farmácia, depois veio fazer enfermagem, ela com uma outra, Beatriz, elas conseguiam juntas, uma anota um parágrafo, a outra outro, elas conseguiam

compor uma matéria maior, melhor pra gente sabe! Então a gente estudava com elas, no quarto delas que elas só eram as duas sabe? É que elas tinham, eram as duas que tinham um materialzinho, melhor assim, mas nós não tínhamos um livro, só tínhamos o de Anatomia que a gente chamava de testequinho que era o resumo do Testinho, só o único livro, mas não tinha livro nenhum, não tinha apostila, não tinha fonte pra você consultar em biblioteca, não tinha nada. Era o professor dar aula, consegui anotar, era aquilo, pronto! Era matéria de prova e pronto.

G.: Você já falou de alguma norma de funcionamento do, do internato. Que mais você lembra assim que eram regras assim que tinham que ser obedecidas?

T.: Oh! Havia uma, muito rigor sobre namoro, visita, né. Nós podíamos namorar lá, mas assim na vigilância da, da Jojoca e até 10 horas e pronto né, não tinha, não tinha jeito não sabe! E, por exemplo, nossos pais quando assim iam nos visitar e tudo, mas assim dentro desse horário só, de visita, não tinha ...

V.: Ninguém escapulia, não?

T.: Ah! Que eu saiba não, sabe por que, a gente, a gente fazia umas artezinhas, mas pouco, por exemplo, Teresinha Dias, casou com um médico, Manuel, Manuel não lembro do que agora, ela era arteira, por exemplo, de noite ela dizia: “Não, amanhã eu não vou querer levantar cedo!” Ia lá, pegava o badalo do sino e enchia ele uma massa, uma coisa qualquer, o sino não tocava, cedo. Até Jojoca ver que o negócio e ir de porta em quarto, manquitolando para ir chamar todo mundo, aí todo mundo dormia mais um pouquinho! [risos] De vez em quando aparecia umas artezinhas assim desse tipo, sabe? E tem umas colegas que marcaram mais a gente, por exemplo: a Yole [Carvalho] Mazzoni, que acabou sendo diretora né? Foi da minha turma, aquela lá era formidável, aquela viveu a enfermagem assim de um jeito tão bonito, [emocionou-se com choro], morreu né?

V.: Hum, hum.

G.: E as punições, você está falando aí que de vez em quando tinham algumas artes, você se lembra de alguma, é ..., alguma punição em relação ...

T.: Punição assim severa, não. A única coisa assim que eles eram severos por exemplo: você tinha um estágio, você não foi; você não compareceu a uma aula; você viajava para visitar família, atrasou pra chegar, no final do curso você pagava aquilo tudo, você ficava retida depois, trabalhando. Agora, com a minha turma foi diferente, que a minha turma foi a primeira que foi, que quando a Escola foi anexada à faculdade [Faculdade de Medicina] né, então, acho que eles até usavam nossa turma pra, pra se rebelar contra a reitoria, só pode ser.

Que minha turma, aconteceu assim, nós, teve a comissão de formatura, combinamos tudo, fizemos tudo e tal, distribuimos o convite e tal, a única coisa que a gente, eu lembro agora, é que houve recomendação que a gente homenageasse o reitor, né? Homenageamos o reitor e tal né, é, distribuimos os convites, o nosso paraninfo seria o Dr. Welerson Lima, ele já tinha dado coquetel na casa dele, mas tava assim em cima da hora, a diretora falou que aquela comissão fosse lá no reitor levar pra ele pessoalmente o convite. Quando o reitor, é, é recebeu o convite, olhou e disse: “Oh, mas já está o dia. Não, vai ser outra data, nós vamos mudar essa data”. “Ah, mas não, já distribuí, já alugou o Teatro Francisco Nunes, já fez não sei o que, não sei o que lá!” “Não, não, o, o, fica adiado. Vocês não poderiam ter marcado isso sem ter me consultado, eu é que teria que marcar”. Eu acho que a Escola nos usou para mostrar, é, né que não estava aceitando o reitor, que não estava aceitando a anexação né, não teve, e aí nós fomos pressionadas a encerrar o ano letivo e voltar para casa porque eles iam pintar a Escola, eu acho que teve aí qualquer coisa, da gente não estar aqui no dia que seria marcado, poderia ir a imprensa, ou com o diretório acadêmico, com qualquer ... Eu não sei, eu senti assim qualquer coisa, mas nós fomos, encerrou assim imediatamente. Tinha gente que devia até, não teve que pagar, foi embora [risos]. E, e ... eu não sei como é que ficou isso depois, porque eu não tive curiosidade de saber, sabe, como é que ficou, que a gente sentiu que foi um trem político, sabe, que nós fomos usadas pra mostrar a, que não, não é, que, a Escola é que marcou, que não seria a reitoria que iria marcar, e ficou por isso mesmo.

G.: Você acha que tinha haver com a questão da anexação da Escola?

T.: Da anexação, porque nossa foi a primeira turma. Não colamos grau, aí ele adiou assim o dia, a diretora disse “não, então não vai ter outro dia não; não teve esse, não vai ter outro, vocês podem vol..., podem, já estão dispensadas, podem viajar” e umas que queriam ficar lá mais um pouco, “não nós vamos pintar, não vamos poder ter ninguém aqui!” Foi assim, não digo enxotada, mas quando eu analiso hoje, eu sinto que foi assim muito ... teve uma pressão pra não, não espernear pra ter essa formatura ou querer descobrir o que houve atrás disso, sabe?

V.: Na sua visão, é, isso era, é, questão da diretora da Escola, na época ainda era a Ir. Villac?

T.: Não nessa época já era Fiuza. A Ir. Fiuza [Ir. Catarina Fiuza].

V.: É como se fosse a Ir. Fiuza medindo forças com o reitor ?

T.: Com o reitor. Elas não queriam, né, anexar. Eu não sei porque a gente não entrava ali, não sabia o que tava sendo decidido, lá na cúpula, nem nada né? Só nós veio essa notícia, agora já, a Escola é, é, é, pertence a faculdade foi anexada, né? Mas ...

V.: A notícia que vocês tiveram da anexação, foi só ...

T.: Foi só assim, anexou , mas não ... não pensamos muito sobre isso nem nada, e, e não nos foi avisado que então nós não poderíamos marcar a formatura, nem nada né. Foi assim. Foi um incidente tão desagradável, que nós tínhamos convidado tanta gente, né?

V.: E não teve nada então?

T.: Eu não sei, que aí nós, mandaram embora pra gente não saber, e eu não fiquei sabendo.

V.: Ah! Ninguém estava aqui na época!

T.: Não ficaram nem as outras, né de outros, de [gaguejando] mais antigas, como é, mais novas pra descobrir pra gente, não, fechou a Escola, mandou.

V.: E isso, a Escola esse período que fechou, a da rua do Chumbo?

T.: Era a rua do Chumbo ainda não era Professor Estevão Pinto.

V.: Então é nesse período que a Escola saiu da rua do Chumbo e foi para a ...

T.: Essa turma minha foi a última de lá também, eu soube disso, que depois de 54 [1954], aí saiu. E, e quando nós estávamos lá, quando nós começamos, tinha um outro internato paralelo na Rua da Bahia que não tinha sido fechado. Ainda funcionava um da rua da Bahia, perto da Igreja de Lourdes e esse da Serra [bairro de Belo Horizonte].

V.: Algumas pessoas então ainda estavam na rua da Bahia?

T.: Estavam na rua da Bahia.

V.: De alunas?

T.: Alunas.

G.: Ainda na vida da, do, do internato, como é que era a vida religiosa ...

T.: Não era imposta a religião né, mas nós que éramos católicos, nós tínhamos missa lá dentro, tinha o capelão né? No início, era o padre Negromonte [Álvaro], depois quando ele saiu os capu..., os dominicanos, do, da Serra ali, do Convento da Serra, é que iam lá, davam confissão, é, missa todo domingo e tal, sabe?

V.: A Ir. Fiuza morava lá também quando ela veio pra cá?

T.: Não. A Ir. Fiuza, não. Tinha só uma irmã que esteve um tempo, foi a Ir. Irene, outro tempo foi uma outra irmã que eu não lembro quem ...

V.: Luiza?

T.: (...) Ficava sempre uma irmã, sabe, lá assim, se a gente adoecia à noite, qualquer coisa, era irmã que olhava né? Era a irmã que tomava conta da gente.

G.: Aconteceu algum caso de alguém ficar doente?

T.: Não, essas gripinhas, essas coisas ligeiras assim, sempre a irmã ia com um comprimido, um chazinho, alguma coisa e, e olhava a gente.

V.: Você falou que na hora da refeição vocês tinham que descer arrumadinhas ...

T.: Descer arrumada, podia estar de folga, não podia ir de chinelo, não podia.

V.: E que roupa que se usava?

T.: Hum?

V.: Que roupa que tinha que usar?

T.: Bom quando a gente tava indo, voltando, do, das aulas né, a gente já tava de uniforme né?

O nosso avental ficava no hospital, mas o vestido branco a gente usava ali também né?

V.: Dento de casa?

T.: Dentro.

V.: Então na hora da refeição você tinha que descer com vestido, uniforme interno?

T.: O vestido, é, não se fosse horário de aula, de trabalho, com o uniforme; agora se fosse domingo, dia de folga com uma roupa comum, mas bem arrumada sempre né? Jojoca vigiava, sabe?

G.: Teresinha você já falou sobre as férias, onde você passava as suas férias, como é que era?

T.: Em casa, em casa. Sempre ia pra lá. Era rapidinho.

G.: Era rapidinho?

T.: É.

G.: Todas alunas tinham férias, ou ficava alguém no internato, durante as férias ...

T.: Bom, parece que era desencontrado, porque não podia deixar o hospital, né? Então, era assim, mas poucos dias, davam oito dias, você pode visitar sua família, davam poucos dias assim, quer dizer tinham as férias de aula, tinha normal, ano letivo normal, né mas o, o trabalho no hospital não parava, então eles davam poucos dias pra gente ir ...

G.: Ainda do internato, você tem alguma coisa, alguma pessoa que foi muito importante ... que você, que foi mais marcante pra você?

T.: Ah! (...) muita gente e eu, sem falar que quase todas, muitas já morreram na minha turma sabe? Muitas mesmo, sabe?

G.: Sei ...

T.: Muitas mesmo ...

G.: Foram muito importantes ...

T.: Mas nós tínhamos, por exemplo, tinham umas datas gostosas lá na semana da enfermagem, da enfermeira, a gente fazia festa, sabe. Festa assim de comida melhor, [miss],

uma roupa melhor; era gostoso mesmo. Festa Junina, a caráter, com dança, com tudo a gente fazia, é domingo de Páscoa as freiras espalhavam ovinhos lá pelo mato, a gente saía pra pegar ovo sabe? Tinha algumas comemorações assim gostosas lá dentro sabe?

G.: Vamos falar um pouco sobre o ensino agora? O ensino. A gente vai começar a falar um pouquinho sobre o ensino teórico, o que você se lembra do ensino teórico? Quem eram os professores, como que eram as aulas, do que você se lembra?

T.: Nas aulas nós tínhamos salas na faculdade, no São Vicente, no anexo da São Vicente onde funcionava o, o, a neurologia, tinham várias salas de aula e os professores eram quase que a maioria médicos, né? Tinham de outras cadeiras, tinha sociologia, teve um sociólogo dando aula e (...) na parte da enfermagem, né tinha a dona, a Dora que era, acho que a Dora? Drogas e soluções. O currículo não é nada igual ao de hoje né? Eu vi o que a minha menina fez aí, ela tem um material rico, tem livros, tem tudo né? E tudo, mas tudo com outro nome, né? No nosso tempo, não sabe? [Risos]. E, fundamentos da enfermagem foi a Ir. Irene que deu no início, eu esqueci o nome do boneco nosso, mas nós tínhamos um bonecão enorme pra treino que eu não lembro do nome, se alguém contar para você, vocês me contam depois, que ele tinha, tudo tinha nome, né, lá, né? Então tinha esse boneco, né e muitas aulas, sabe? Nós aprendemos a fazer ventosa [risos], umas coisas que hoje as meninas não devem nem saber o que é né? Nós aprendemos fazer muita coisa sabe? E (...) tinham bons professores ...

V.: Você lembra da Marina Andrade [Rezende]?

T.: Marina, que morreu, depois de câncer. A Marina deu, é, psiquiatria para nós, a parte de enfermagem, e a parte médica o Dr. Clóvis Alvim.

V.: Que que você lembra, alguma coisa específica desse, da Marina, por exemplo, enquanto professora ou enquanto, tipo movimento que ela fazia na Escola, a reflexão dela na Escola, ou não tinha?

T.: Assim com a gente aluna muito não. Era uma pessoa que a gente admirava demais, né? Porque ela era fina, ela era culta, ela sabia falar, sabia dar uma aula né, aulas bem dadas e tudo, sabe? Mas assim, relação de amizade com a gente, não, só de professor para aluno. Naquele tempo era, uma relação mais cerimoniosa, né, eu via alguns professores dela aí, dançando forró, fazendo não sei o que, nosso tempo lá não, professora no meio das alunas [risos]. Não tinha não, sabe?

G.: Disciplinas que você achou mais interessante, que marcou mais?

T.: Eu acabei ficando, gostava muito de hospital né? Então depois eu fiquei nas Clínicas trabalhando, até na clínica cirúrgica, fiquei muitos anos e tal, sabe? Mas depois no final eu caí

mais em Saúde Pública. Saúde Pública nós fizemos um trabalho super interessante. Nós (...) é, naquele tempo em Belo Horizonte tinha muita tuberculose né? Então vacinação de BCG e antivariólica que também ainda era muito epidêmica né, a gente fazia demais, né. Aí em Congonhas do Campo [MG], não sei se hoje ainda existe isso, toda semana da pátria tinha um jubileu, onde iaromeiros de vários lugares e ficavam hospedados lá num lugar enorme assim, aí a Escola mandava, nos mandava para vacinação. E olha só, que tipo de, de aventura que era: a gente ia de Trem, Maria Fumaça, ficava hospedada no próprio vagão, durante dias, eu não lembro onde que a gente tomava banho, ou se a gente tomava! [Riso]. Que eu lembro que a gente ficava lá no vagão, no final a roupa já tava que não agüentava, mas era aquela roupa né, era o, o “taierzinho” né de Saúde Pública, uma maletinha, o sapatinho de salto e a gente subindo aqueles morros até né? Aí a gente vacinava, iam dois médicos conosco, aparecia parto, aparecia ferimento, ferida contaminada, aparecia abcesso pra drenar, aparecia um tanto de coisa naquelesromeiros sabe? Aí nós fazíamos esse trabalho lá. A gente comia, é, eram da estação aqui embaixo até lá onde tinha perto da Igreja, o, era um morro só né? A gente ia, depois a gente almoçava num hotel lá em cima mesmo e quase que de noite, descia pro vagão. E ali mesmo, tava exausto, né, acho que a gente não tomava banho não, porque eu não lembro de banho [risos]. Lembro que a gente voltou tão suja, dessa campanha. Mas foi uma campanha assim rica, viu, que a gente produziu tanto, mas vacinou tanto, atendeu tanta criança, atendeu tanta gente, fez tanta palestra, [suspirou, “pegou fôlego”] levamos material; então Dona Carmen, morria de rir né, porque esse negócio de ter muito material pra levar é besteira, porque aí as mães falam assim: “Oh Fia, vocês vão comendo esses desenhos aí que a dona deixou, porque aqui não vai ter esses frutas, né, essas comidas, esse leite [risos]; então vocês já vão comendo esse papel aí mesmo, porque isso não vai ter.” A gente falava: “nossa, o menino tá meio desnutrido”, né, “a senhora poderia”, né, “ver se dá isso, mais aquilo!” “Ah, come lá o desenho da coisa que a dona deu porque não vai ter isso não”, sabe? Mas Saúde Pública a gente fazia muito mesmo. O dispensário de tuberculoso, nós pegávamos, né, aqueles endereços dos diagnosticados tuberculose mesmo e íamos na casa, víamos a condição dele, ensinávamos como é que poderia ser isolado ali, encaminhávamos todos os habitantes, né, para abreugrafia e tal e vacinamos BCG, eu não sei porque essa tuberculose não acabou, porque BCG a gente dava, mais dava até, e anti-variólica. Eu não lembro de outra vacina nenhuma na época.

V.: O BCG era oral.

T.: Oral, o BCG era oral e antivariólica com aquela linfzinha assim num tubinho que depois com [inaudível] enorme, sabe? Eu só lembro dessas duas vacinas, no nosso trabalho de Saúde Pública, sabe? Eu só lembro dessas duas.

V.: Quando você falou de, da à Congonhas, era você enquanto aluna, ou depois de formada?

T.: Era rotina, o terceiro ano da Escola ir. Porque lá tínhamos Saúde Pública no terceiro ano. Então o terceiro ano ia. Eu não sei quantas turmas foram. Mas ia a turma toda.

V.: Vocês iam com quem?

T.: Ia a professora, que era Dona Carmen né, a professora, dois médicos sanitaristas e as alunas todas. Nossa turma era 18.

V.: E alunas da medicina também, ou só enfermagem?

T.: Não, nós, naquela época existia o projeto Rondon [buzina de carro], será que foi na época? Não, tinha um projeto que ia medicina também e aqui na Fazenda do Rosário, acho que foi Fazenda do Rosário, nós fizemos um trabalho assim em conjunto com, com os meninos e nós.

V.: Mas em Congonhas era só enfermagem?

T.: Congonhas só enfermagem.

G.: Isso aí você já está falando do ensino prático, quer dizer, a prática de Saúde Pública. Agora fala pra gente do outro ensino prático no hospital? Quem que supervisionava as alunas? Que estágios que eram?

T.: Oh! O que eu lembro assim, é que cada enfermaria, cada lugar tinha uma freira, e que depois vim descobrir que nem toda freira era enfermeira. E era com elas que a gente, sabe, se entendia, ela que falava você fica nisso. Mas nós fazíamos coisas que Nossa Senhora! Desinfecção de leito, né, quando o doente saía, e nós lá lavando cama, então né. E teve um médico nessa época, meu, muito meu amigo, deve estar vivo ainda, que quando ele via a gente tendo aquelas matérias, aqueles, tanta coisa, preparando para uma coisa que parecia tão grande, chegar lá com um balde, lavando cama, ele falava comigo: “Teresinha, tá vendo aquele ali, como é que ele tá respirando mal, a enfermeira devia tá lá era ensinando ele a fazer respi..., um exercício respiratório, não tá vendo aquele que tirou o gesso, que tá, tá, a enfermeira tinha que tá lá fazendo a reabilitação”. Quer dizer, ele tinha visão do que seria fisioterapia que era, era pra ter sido feita por enfermagem e não foi.

V.: Como é que ele chama?

T.: Canelas, Antônio Canelas. Ele, você conhece, cardiologista? Ele, acabou sendo meu namorado [riso]. Então ele tinha uma visão assim, que nós estávamos sendo preparadas para uma coisa fazendo outra.

[FINAL DA FITA 1 LADO A]

FITA 1 - LADO B

V.: Sim, pode continuar ...

T.: Mas eu entendo assim, que essa parte de fisioterapia né? Nós fazíamos alguma coisa, né, algumas massagens, alguma, uma coisa naquele tempo, quê que tinha é infravermelho, ultravioleta, a gente fazia, tentava recuperar algum, algum movimento, alguma coisa com isso, né. Mas, não era, assim, tão enfatizado, como depois passou a ser pros fisioterapeutas né?

G.: Além da, da, das freiras que supervisionavam as alunas, havia outro tipo, outras supervisoras, umas alunas supervisionando as outras?

T.: Ah não! Não, por exemplo: Maria do Rosário Barros , ela era a nossa professora na pediatria ou ortopedia, eu não sei!

V.: Pediatria.

T.: É ... você ia para o estágio com ela, era ela que chefiava a clínica e coincidentemente, era ela que, que dava aula, entendeu? Aí ficava, a gente sentia melhor sabe? Mas quando você era jogada na Neurologia, Ir. Genoveva, que (...), na Urologia tinha outra imã; agora Ir. Luiza da segunda clínica cirúrgica acho que essa era que a gente, a gente sentia a diferença sabe, a gente tinha mais apoio e tudo, sabe? Agora uma coisa também que nós, quando saímos da Escola, quase todas sentimos o seguinte: nós ficamos aí nesse hospital São Vicente só tratando de indigentes, de pobres, de tudo né! Foi ótimo, Deus me, me ajudou que eu dei certo, gostei disso, né! Mas depois, quando a gente saía para um hospital melhor, você ia tratar um particular, ia ter contato com uma família de classe melhor, você não tinha jogo de cintura para isso!

V.: O estágio era no HC [Hospital das Clínicas], Hospital do, do São Vicente?

T.: De enfermagem era só no hospital de São Vicente, agora tinha esse de Saúde Pública, e tinha assim, de Saúde Pública a gente fazia mais. Ia nesses lactários da legião, Legião Brasileira de Assistência né, esses postos de puericultura, isso nós freqüentamos também, sabe? Mas de, de hospital mesmo era só o São Vicente, com esses dois anexos dele, que era a neurologia, ginecologia e obstetrícia.

V.: A Cruz Vermelha não era hospital ainda não, nessa época?

T.: A Cruz Vermelha, nesse tempo só tinha o, o, o curso lá de auxiliar, nem nós não freqüentávamos lá não.

G.: Teresinha como que era o uniforme da prática ? Você se lembra?

T.: Quer ver foto? O uniforme nós tínhamos o branquinho, né, todo branquinho, o de baixo e o de cima era um avental, o avental ficava no hospital e o uniformezinho a gente saía com ele pra rua. Meia branca, sapato branco, cabelo tinha que ser curto, a redinha, a touca, né, unha cortada, não podia tirar cutícula, até hoje eu não tiro, que eu aprendi foi lá, que não deve tirar [risos] porque é [inaudível], e, e assim, sem pintura, sabe?

V.: Ninguém usava pintura?

T.: Não, com uniforme não, com uniforme era sem pintura, sem esmalte; cabelo na, na touca..., na rede e na touca, meia grossa branca, sapato branco.

G.: E os meios de transporte que, depois nós vamos ver as fotos ...

T.: Oh! A coramina, ela não tinha assim capacidade pra muita gente, sabe? Então tinha escalonamento assim: se a 1ª aula da 1ª turma era tantas horas, elas que desciam de coramina; então a maioria descia era de bonde, sabe? Era de bonde, o dia da gente, de, de, ter o transporte, tinha dia da gente não ter, então a gente descia de bonde ou quem tinha um poder, um dinheirinho a mais, de lotação, que era mais cara do que bonde, não é? Tinham umas que iam de lotação.

V.: E o uniforme levava?

T.: Não, o uniforme você ia com o vestidinho de baixo, o avental já ficava no hospital.

V.: Ficava no Hospital?

T.: É hospital, o avental ficava no hospital, você não ia com o vestidinho de baixo.

V.: Lavava e passava lá mesmo?

T.: Agora você ir pra rua, por exemplo, você precisou ir não sei quando, aí era proibido você ir com esse vestidinho de lá né. Você tinha só pra esse Escola, hospital; Escola, hospital que você ia, internato, hospital que você ia.

V.: É, o avental era lavado no hospital mesmo?

T.: Não, aí tinha o dia da gente trazer e fazer a troca. A roupa toda era lavada lá, na, na ...

V.: No internato.

T.: No internato.

G.: Teresinha como que era a relação das alunas com os funcionários, com os diretores e com outros alunos de outros cursos nesta época do estágio?

T.: Nesse, é, no, com os médicos, os meninos lá a gente se dava bem, né? Tinha, tinham os residentes, tinham os que estavam no mesmo campo da gente e tal, né? E (...) só, não lembro muita coisa assim, não teve nada assim que me marcasse muito não, sabe?

V.: Algum paciente especial?

T.: Paciente como?

V.: Que você tenha cuidado naquela época enquanto aluna, que te marcou, se lembra?

T.: Ah sim, marquei. Tinha até foto de um, um menino que no final tirou o pulmão, sabe? Devia ser um câncer, ou qualquer coisa. Esse menininho ficou comigo muito tempo, aí eles davam licença, no domingo de folga eu tirava o menino sabe, passeava um “tiquinho” com o menino. Teve uma outra que tinha uma ulcera na perna, que não [inaudível] ficou muito tempo com ela, sabe. Teve umas de eu me lembrar até hoje sabe, deu me lembrar até hoje.

G.: Lembra de algumas paqueras, namoro entre os estudantes nessa época?

T.: Ah! Isso havia demais, inclusive tinham muitas meninas casadas com médico, na minha turma, deixa eu ver quantas foram: Elenir, Beatriz, é foram só essas; mas teve muita gente. Na turma da Delma, acho que teve umas quatro, casaram. Dava muito, muito namoro, que a gente tinha mais contato era com eles e não saía pra outros cantos nem nada.

V.: E o seu namoro?

T.: Meu namoro eu tive com Canelas, tive com outro que depois me fez até mastectomia, Dr. Orlando, da minha mastectomia, foi meu namorado também. Tinha uns namoradinhos assim sabe. Mas (...) a, a Jojoca gostava, Jojoca quando a menina levava um namorado que falava que estava fazendo medicina, ela, sabe, nossa, parece que dava um status!

V.: Fazia gosto! [Riso].

T.: A Jojoca gostava, sabe, quando era outra coisa qualquer, não tinha jeito não [riso], mas a Jojoca gostava, sabe, fazia uma questão danada, que as meninas namorassem um médico, sabe? [Riso].

V.: É, é, as freiras não interferiam, nessa, nesse relacionamento?

T.: Não, essa parte lá era mais a Jojoca, sabe?

V.: Por exemplo ...

T.: Agora no hospital não, e também a gente sabia né, que tinha que manter distância, não tinha nada de muita aproximação nem nada, sabe?

V.: Você pegou um pouco a Ir. Villac e depois a Ir. Fiuza. Alguma diferença entre as duas ou no internato a Escola mudou alguma coisa com a mudança da direção?

T.: Eu não sei. Eu acho, que a Ir. Fiuza era mais branda, sabe? A outra era mais, a outra era tão, não vou dizer má, coitada, não sei aonde que ela está, mas era assim, se a gente adoecesse e precisasse tomar alguma injeção, ela mandava dar com agulha rombuda pra você ver que quando você for dar aquilo no seu paciente, aquilo dói adoidado! Se você ficava numa cama,

ela mandava jogar água no seu lençol, pra você ver que você ficar na cama molhada é horrível! Ela fazia dessas durezas pra você ver como que você ia tratar o seu paciente, você não ia usar aquele material daquele jeito, que você, sabe, pra você, e ela era dura. Era um mulherão, sabe, falava grosso, era dura mesmo! Já a Fiuza era mais branda, mais meiga, sabe?

G.: Ainda é

T.: Ainda é, né?

V.: Está.

T.: A Villac, a outra, eu não sei, deve ter morrido.

V.: Faleceu.

T.: É. É.

G.: Teresinha é (...) só fazendo uma comparação na questão do ensino teórico e ensino prático, tinha uma divisão nítida? Aqui é o ensino teórico e depois que começa a prática ou não? Como é que era isso?

T.: Olha, eu, eu, assim, só Fundamentos de Enfermagem mesmo é que foi assim, né tem aquela seqüência, você viu aqui na sala de aula, ela te levou lá [pra ver], o resto não; não tinha, por exemplo: vinha um médico dar aula de não sei o que, depois não tinha ninguém pra nos acompanhar, pra dizer: “Oh, o que você viu na aula tá ali, tem um caso”, não tinha, sabe.

V.: Tinha uma, uns, tinha a imposição de insígnias na época?

T.: Tinha, dos seis meses que era solene, né? Na nossa época, você sabe que tem um hino de enfermeira né? Então na nossa época, aí esse salão que era bonito, que era o refeitório, eles transformavam, punham as bandeiras e tudo ali né? E, na minha turma, quem foi a madrinha foi Sara Kubitschek, mulher do Juscelino Kubitschek. Ela foi toda de chapeuzinho, luvas, toda chique né? A madrinha pra colocar, então abrir a sessão, tinha o discurso, as autoridades ali, a gente cantava o hino nacional, cantava o hino da bandeira. Aí vinha e punha braceira, a touca né, e aí você já era enfermeira, já ia pro hospital trabalhar [risos], com seis meses de curso.

G.: Após seis meses.

T.: Após seis meses.

G.: Qual que era o significado dessa cerimônia, dessa solenidade, o que que significava ...

T.: Eu não sei, parecia assim que você tava integrada na profissão, que você foi aceita, você ia ficar, era como que o comecinho foi uma experiência, e que você passou por aquilo, que você aprendeu, você ficou apta, você está capacitada, sabe. A gente sentia que era isso, sabe. A gente ficava ansiando pelo dia, né, que quando dava a aula, a gente ficava doida para ir lá ver e pra fazer e tudo né? Então como que: está habilitada, vai né?

G.: É nessa época, é (...) por falar de uma entrada, de ser aceito na profissão, a sua turma você lembra quantas alunas, se algumas desistiram, como é que foi isto? Se todas receberam as insígnias?

T.: Na minha turma, na minha turma só uma que foi convidada a sair, mas foi tudo assim, tão (...) tão abafado, que a gente não sabe nem como é que foi a história, sabe? Dizem que foi, uma história de homossexualismo. E depois eu soube que a que eles mandaram era a passiva, a ativa continuou lá dentro [riso]. Não sei, diz que foi isso, sabe. E era no meu dormitório e eu não desconfiava porque elas dormiam juntas porque tinham medo, sabe, não estavam acostumados a ficar longe de mãe, longe de avó, não sei, tinham medo né? Mas nunca atinei com a história não! Aí de repente uma assumiu lá, aí teve esse “zum, zum, zum..... através de zum, zum, zum ... e que nós soubemos. Mas não, não houve assim, não tinha sido nada assim, escandaloso, nem nada.

V.: Vocês não observaram nada assim de diferente?

T.: Não. E essa que saiu ela era nordestina, continuou, se ingressou lá em outra escola, conseguiu a transferência, formou, sabe?

V.: Na outra Escola daqui de Belo Horizonte?

T.: Não, do nordeste, saiu daqui mesmo, sabe? E a outra, depois anos eu soube que casou, com um chinês [perguntou se podia falar um pouco], casou com um chinês e ele anulou o casamento porque disse que ela era homem. Quer dizer que então a ativa continuou e a passiva que saiu.

V.: E de uma certa forma confirmou que era realmente um ...

T.: Confirmou que existia isso né, porque houve isso.

V.: Outras alunas tinham esse hábito de, de dormir uma com a outra ...

T.: Não [mexendo com a cabeça]. A turma lá era mais querendo os meninos mesmo [risos].

V.: Não, que às vezes dormia assim independente de ...

T.: Não, não, não tinha não.

G.: Ninguém mais tinha medo, só elas é que tinham medo.

T.: Não, só elas. Inclusive não havia razão pra medo, os dormitórios eram: praça 15, praça 11, praça 7, né, aquele tanto de menina, né? Uma cama pertinho assim da outra, sabe. E o meu era o porta-jóias, o meu o, Yole [de Carvalho Mazoni]morava conosco. Era o porta-jóia pelo seguinte: quando lá em cima tava ficando apertado, aí nós, tinha que mandar mais gente pra rua da Bahia [centro Belo Horizonte], nos mesmos é que sugerimos, “gente! Tem um espaço bom lá em baixo, que joga cadeira velha, coisa velha, se desse fim naquilo, né, cabia mais

gente lá né?” Aí que foram ver, coube mesmo sabe! Então eles estocaram assim no canto, empilharam tudo, colocaram uma cortina e, e fizeram ali, e aí eu fui com a Yole, com a Venância, com a Ilza.

V.: Mais um refei..., mais um dormitório.

T.: É, era no porão mesmo, no mesmo que ficava as serviçais. Eu, Yole, a Ilza, a Venância não lembro quem mais, nós fomos pra esse e colocamos o nome de porta-jóias, que era um porta traste danado, né, porta lixo, virou um porta-jóia, que nós éramos as jóias, ficamos lá, até formar.

V.: E...o, o, internato da Rua da Bahia, o que que se falava sobre ele?

T.: Ele acho que foi desativado logo, eu tenho a impressão que foram duas turmas, depois que eu cheguei que ainda ficou lá, depois não foi mais ninguém pra lá não sabe? E o número que vinha pra Escola era sempre assim, em torno de 15, 18, 20 meninas, e sempre com desistência, às vezes, pelo meio, né.

V.: Na tua turma só teve esse caso? Todas que entraram se formaram?

T.: Todas que entraram, saíram, sabe; todas que entraram saíram, ficaram até o final.

G.: Voltando lá nas solenidades, você falou da, da, imposição das insígnias e na sua época tinha a cerimônia de Dama da lâmpada?

T.: Não. Essa, acho que foi a do véu ainda né? Eu acho que era da anterior, quando eles usavam o véu, capa e ...

G.: Sobre a imposição das insígnias, quem que organizava, quem que eram os convidados, como é que era isso?

T.: Eu só sei que a Escola é que providencia, fazia, só nos avisava né? Como é que a gente tinha que comparecer muito [limpo], ensaiava os hinos até o nacional e tal, né, e era a Escola que convidava né?

G.: Teresinha como que era a participação da Escola nas festividades, locais de Belo Horizonte, por exemplo, é, na semana da enfermagem, festas religiosas, festas cívicas, como é que era essa participação?

T.: Oh! Nós tínhamos essas festas que eu já relatei, lá dentro né? Agora, nós éramos muito estimuladas assim, todo domingo no Francisco Nunes [Teatro] tinha o concerto para a juventude, né, eles gostavam muito que a gente fosse, sabe, assim dava o carro pra levar e tudo, sabe, assim, sabe? E, de vez em quando, se fazia assim passeios, todo mundo “vamos em Ouro Preto, vamos em Caeté”, sabe? Um passeio assim, todo mundo, sabe?

G.: Algum congresso de enfermagem?

T.: Congresso eu fui como aluna, só num internacional Quitandinha [Hotel em Petrópolis-RJ] que tem foto dele aqui, sabe. Agora os daqui, os outros daí nós não fomos nunca chamadas para ir não, só fomos nesse internacional.

V.: E como é que foi esse encon..., esse congresso internacional, o que você se lembra dele?

T.: Nós participamos só como ouvintes né, indo assim, mas foi bom!

G.: E aniversário da Escola, alguma festa que você se lembra?

T.: Não, só a Semana da Enfermeira mesmo.

G.: E sobre ...

T.: Ah! E quando a turma chegava, a turma nova também, sempre a gente fazia uma baguncinha lá para receber, não trote essas coisas sabe, mas sempre fazia uma baguncinha pra receber as meninas. E nós tínhamos também uma coisa muito gostosa, naquela Escola, serenata, naquele tempo usava muito né? Então, aquele jardim convidativo, aí de vez em quando uma arrumava um namorado que ia lá fazer aquela serenata gostosa mesmo, né, e tinha lá dentro também menina que tocava violão, que às vezes a gente ficava lá fora, cantando né? Muito gostoso.

G.: Sobre a organização estudantil, você está falando aí de recepção de aluno, existia alguma forma de, de organização, de associação de alunas na sua época, como é que era?

T.: Na Escola não. Não tínhamos, assim, às vezes, nos visitavam, alunos de outras unidades, né, querendo a nossa adesão pra alguma coisa, nos chamando para alguma coisa e tudo, né. Mas, não sei se a gente era cansada de tanto trabalhar ou desanimada; sei lá o que sabe? Só lembro assim, de uma turma anterior à minha, que foi de Zélia Vargas, ela participava demais, sabe, desse movimento. Mas, ela não passou a ser bem vista na Escola não. Parece que eles não gostaram desse, mexesse muito assim, sabe.

V.: E ela participava de que?

T.: Eu não sei, só sei que ela conseguiu uma licença para sair a noite, freqüentar a Cultura Inglesa [curso de inglês] ela fazia inglês. Ela ia nessas reuniões de diretório sabe! Ela mexia muito, mas também não nos trazia muitas coisas não. Lá na Escola parece que eles abafavam assim né?

V.: Não tinha uma, um, um Diretório Acadêmico no seu tempo?

T.: Dentro da Escola, não!

V.: Não, né! É, e no, no ano, a Delmira, Honorinda e a Maria Adelina você chegou a conhecê-las?

T.: A, a, a Delminda?

V.: *Delmira*.

T.: Não.

V.: A Honorinda e a Maria Adelina, elas foram, a gente tem registro que elas foram tesoureira, presidente e secretária do Diretório Acadêmico (DA).

T.: Mas que ano? Posterior ao meu?

V.: [19]54, [19]55 ...

T.: Não. Então deve ser menina da turma, quando eu estava saindo, tava entrando, e eu não tive contato.

V.: Sobre o DA, você não tem nenhuma, nenhuma lembrança?

T.: Não. Eu tenho lembrança do DCE [Diretório Central de Estudantes], né, que de vez em quando a gente ia numas “horinhas dançantes”. Nessa época tava em construção o atual; não, o antigo; agora já é cinema, ali na rua Gonçalves Dias, né. Então nós tinha um, um, naquele prédio do Automóvel Clube, tinha uma sede ali do DCE, de vez em quando a gente ia em hora dançante, mas de dia, de noite a gente não podia sair.

V.: Só para atividade social, outro tipo de reunião, não?

T.: Não.

V.: Greve, alguma greve nesse, no seu tempo de aluna?

T.: Não. Teve também foi de turma posterior, uma turma todinha que se rebelou e foi pra Juiz de Fora [MG], né, uma turma inteirinha.

V.: Conta essa história para nós.

T.: É assim, a gente não ficou sabendo o por que?

V.: O que você sabe?

T.: Não, não, não sabia, sabe? Eu não sei se eu não era curiosa ... agora acho que com esse negócio de muita mídia, muita impressa, você ficou assim procurando, né, saber das coisas. Antes não ... era mais interessante você não tomar conhecimento, porque às vezes, vinha um “pito” pro cê, por você pôr a colher, não sei sabe. Mas eu sei que essa menina, uma dessas eu tenho o telefone dela, se você quiser contato com ela ...

V.: A Virgínia?

T.: Não. A Virgínia, a Virgínia é da turma né? Eu tenho da Solange.

V.: Ah sim!

T.: Da Solange.

V.: Você não se lembra de nada assim, por que que elas saíram, o que que fizeram, só sabe que o grupo foi embora ...

T.: Só sei, que o grupo todo ...

V.: Sob orientação de quem?

T.: Não sei. Entre elas lá, elas resolveram, conseguiram as vagas necessárias, pediram transferência e foram.

V.: Elas eram ...

T.: Não sei se teve que ser muito discutido com a diretoria, nem nada.

V.: Elas chegaram a ficar, a ser internas?

T.: Ah! também não sei.

V.: Também não se lembra.

T.: Eu vim conhecê-las, depois. Porque na época nem cheguei a conhecer. Depois de formada eu fui fazer o curso na Escola de Saúde Pública, conheci a Virgínia; a Venância, né, ai me apresentou pra Solange, foi que eu conheci a Solange, sabe. Conheci Diva, foi que eu fui conhecendo algumas, mas nunca também, conversei com elas sobre isso também não, sabe?

V.: Hum, hum.

G.: Teresinha, será se, é, voltou alguma coisa mais na lembrança, sobre a questão da anexação da Escola na Faculdade de Medicina? Você já falou sobre isso. Você já contou a situação, inclusive da não formatura de vocês, que você acha foi devido a essa época da anexação, né, talvez uma resposta política nesse sentido. Mas é, é, é, é, você não ouviu falar mais nada disso? Se era vantagem, se era desvantagem ...

T.: Não. Porque isso não foi discutido antes, nós tomamos conhecimento quando nós estávamos saindo, né. Aí saímos e não ficamos sabendo como que se deu?

V.: Você lembra o nome do reitor, do, quem era o diretor do Hospital das Clínicas na época?

T.: Diretor, geral assim? Não sei não.

V.: O reitor você não se lembra?

T.: O Reitor, eu tenho a assinatura dele aqui no meu diploma [mostra-nos o diploma].

V.: Ah, da gente vê!

T.: O, cada catedrático eles tinham uma clínica né? Então o, o, o Adelmo Lodi era da cirurgia, [Geraldo Nunã] era da pediatria né, cada um tinha, Romeu Cançado da clínica médica; cada um tinha a sua clínica.

V.: E um fato interessante, que você se lembra pitoresco ou desencontro nesse período, no relacionamento com os professores ou com alguém do hospital. Entre vocês, no grupo de vocês ou no grupo, outros grupos.

T.: (...) Não lembro mais!

G.: A questão, é, algum aluno do sexo masculino, na tentativa assim, de entrar para a seleção, você teve alguma notícia, ou não?

T.: Não tive notícia não!

G.: E sobre a prestação de serviços da Escola assim pra comunidade. Além disso que você falou do estágio em Congonhas do Campo [MG], que você já citou ...

T.: Ali pela vizinhança, às vezes mandavam a gente né? A fulana chegou operada do hospital, então, depois já tirou o ponto, vai fazer curativo, não sei, a gente assim pra pequenos atendimentos, mas ali né? Agora, eu tomava conhecimento assim, que era a Escola, tinha assim bom nome e tudo, então, umas muitas madames aí, quando tinham menino, depois pedia pra Escola mandar uma enfermeira, né, pra ficar com a criança. Então eu tive da minha turma mesmo menina que saiu, teve permissão para faltar em tudo pra ficar atendendo lá numa casa aí qualquer, sabe. Tinha uns tipo de atendimento assim, mas não era assim tão comum, sabe?

G.: Não tinha o plantão particular?

T.: Não.

G.: Atendimento à domicílio?

T.: Esse particular assim, mas muito raramente acontecia.

V.: Nessa época era muito pouco.

T.: Só com a madame, quando chegava de hospital, vindo de maternidade, pedia uma enfermeira para ficar só as primeiras noites, uma coisa assim, ou então cuidar o umbigo, uma coisinha assim, mas era muito pouco.

G.: Falar em formatura, vocês não tiveram formatura mas o que que, como que ocorreu a, a colação de grau?

T.: Não.

G.: Nada?

T.: Não teve nada, então nós ...

G.: Nem depois, uma cerimônia simples?

T.: Tivemos que sair depressa né, e aí a Escola depois nos mandou pelo correio o diploma, com os registros que foi possível ela fazer e depois nós complementamos os registros.

V.: Onde registrava o diploma na época?

T.: Quer já olhar?

V.: Porque não tinha conselho né? Não tinha conselho de enfermagem, era registrado numa, num ...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Pronto.

G.: Teresinha, depois de formada você se sentiu preparada para começar a trabalhar?

T.: Olha, eu sentia que eu estava, mas esse caso que eu falei, que nós sentimos muito; isso não estávamos trabalhando só com os pobrezinhos, quando nós fomos pegar paciente de outra classe, a gente, sabe, estranhou depois, né? E outra, nós [.....] naquele hospitalzinho modesto, precário, material e tudo né? E caímos num campo melhor, aí a gente passou aperto, agora a sorte que a gente ia....

V.: Que ano...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

T.: Nós tínhamos a sorte, o seguinte, que a Escola recebia demais pedidos de enfermeira né, e de muitas vagas, então a gente não ia sozinha, ia uma turminha. Aí, isso a gente já sentia um certo apoio pra conversar e tirar nossas dúvidas entre nós mesmas, antes de levar para a pessoa superior, né. Então a gente se ajudava muito, assim nos estágios, sabe? Por exemplo: eu fui pra Santos [SP] com mais três, quer dizer, nós éramos quatro e dava pra ter suporte, né, cada um foi pegar uma clínica e tudo, mas a gente não sentia assim sabe? Foi turma grande assim pra o Hospital Servidores do Estado, vinha assim muito pedido, então já ia, não iam ninguém ...

V.: Servidores do Estado de que país, de que Estado?

T.: Do Rio de Janeiro.

T.: Do Rio [RJ]. Lá foram muitas pra lá, sabe?

G.: Fala pra nós então da sua vida profissional como enfermeira qual o seu 1º emprego, como é que foi sua vida profissional.

T.: Eu quando fiz esse curso com a, com a bolsa do Estado, me comprometi a trabalhar na Saúde Pública da minha cidade, né? Aí voltei, mas não ajeitei mais com a vida de cidade de interior entendeu? E assim também, talvez esse medo que eu não sabia que eu tinha, mas de ficar sozinha, sem as colegas, sabe? Eu acho que eu, isso é que fez falta. Então eu telefonei para a Ir. Fiúza, se eu podia voltar pra cá e ficar trabalhando. Ela disse que eu podia. Eu fiquei, trabalhando de novo assim, no próprio hospital e tudo, sabe, fiquei mais um ano. Ai quando saiu outra turma da enfermagem, que resolveram ir três pra Santos, eu fui com elas.

V.: Ah!

T.: Eu fiquei um ano aqui ainda, com a, com a Ir. Fiúza até, e essa outra turma eu fui para Santos.

V.: Você ficou como enfermeira, ou ficou ...

T.: Fiquei como enfermeira e ...

V.: Recebeu salário?

T.: Recebia salário. E nesse tempo, aí as alunas que iam fazer estágio, eu sentia que, como eu precisei e não tive, eu dava sabe? Essa Geralda mesmo, quando foi fazer, eu sem ser monitora da Escola nem nada, eu amparei muito assim no estágio, sabe, pra dar uma força, né?

G.: E nessa época, você ficou morando onde?

T.: Nessa época em, nós alugamos, não era uma pensão, ali na Alfredo Balena, e tinham mais duas da Escola comigo sabe, e tinha alguns funcionários do Hospital também, sabe? Uma pensão ali pertinho, para isso.

V.: Essa pensão era paga pela, pela ...

T.: Não, não. Essa eu já tinha formado, já estava como funcionária, do hospital, é ...

V.: O internato era aonde nessa época, você se lembra?

T.: Quando saí lá, foi pro, onde tem um Semper [Hospital] hoje, né, teve um casarão aqui bonito da Getúlio Vargas ...

Luciana: [filha da entrevistada] Foi onde que era o [Hospital] Semper me, que um dia eu achei que a D. Geralda, ela falou que onde é a Cruz Vermelha ...

T.: Cruz Vermelha, é, é sim. É então é lá. Porque a Geralda passou por lá, lá e aqui pela Getúlio Vargas também.

V.: O Hospital Semper era da Cruz Vermelha, então era o Hospital da Cruz Vermelha.

T.: Ah! Sim, sim, é.

G.: Depois que você fez, é, trabalhou mais um ano aqui, você sentiu preparada foi com essa, uma turma ...

T.: Com essa turma em Santos [SP]. Lá eu fiquei um bocado de tempo com elas, depois resolvemos sair e ir pro Rio [RJ]. Mas lá no Rio nós não ajeitamos não sabe? Eu sempre era atraída para voltar para Belo Horizonte sabe?

V.: Por que que não deu certo no Rio?

T.: Aí voltei, voltei sabe. Voltei pro, eu não sei, aquela confusão de cidade grande, eu não, não, não achei não sabe? Belo Horizonte era gostoso demais nessa época, ela era uma cidade muito parecida com a gente que vinha de interior, era uma cidade mais provinciana, né? Eu não gostei não! Aí eu voltei, aí fui, aí já tinha construído o Hospital das Clínicas, ai eu fiquei trabalhando no Hospital das Clínicas, a Izaltina dava um curso que chamava enfermagem do lar no Sesc [Serviço Social do Comércio], pediu para substituí-la, que era à noite e ela estava

cansada. Aí eu fui para o Sesc, com esse curso, aí, não, não passou muito tempo, eu comecei a querer aumentar mais as coisas e tudo, aí fizemos um censo, um ... serviço de abreugrafia, depois voltei, pus um posto de vacinação, sabe?

G.: Isso aí, você era funcionária de quem?

T.: Aí do Sesc, e, nas Clínicas e no Sesc. Depois, eu saí das Clínicas, fui convidada para um Pronto Socorro que teve aqui em Belo Horizonte, que era só para enfermeiras formadas. Não botaram uma atendente, uma auxiliar, nem nada; só enfermeira. Pronto Socorro infantil, ali na Assis Chateaubriant [Avenida], só foi um grupo de formadas. Aí eu fui pra lá continuei no Sesc e lá. Saí do, das Clínicas, e continuei no Sesc e lá, e depois, teve concurso pro Estado, e eu fiz concurso, aí fui pro Estado. Aí fui pra essas unidades de saúde, fui pra [inaudível], fui pro hospital da gastroenterite, Sávio Nunes, rodei várias coisas, e eu trabalhei até [19]75, em 75 eu parei.

V.: Fala pra gente um pouquinho sobre essa experiência, esse hospital que só tinha enfermeira? Como é que foi isso?

T.: Uai, é assim. Nós éramos muito bem remuneradas, nós estávamos assim, quase todas da mesma Escola, com o mesmo espírito, alguma coisa, né, fizemos uma adaptação, mas o Hospital funcionava que era uma beleza! Agora, era pesado pra nós, né? Por exemplo, no plantão noturno, chegava emergência você tinha que ir pra sala de cirurgia, às vezes, até sem uma assistente de, lá de cirurgia, né? Acompanhar o horário, eram só pacientes particulares que pagavam, né! você se desdobrava né, se precisasse de um chá, você que tinha que ir lá na cozinha fazer; se precisasse de um leite você é que tinha que ir lá na cozinha ajeitar, sabe. Você se desdobrava, preparar a sala de cirurgia, atender o quarto, atender telefone, atender porta, sabe? Mas dava, era bom por isso que era um serviço muito bem feito, sabe, a esterilização muito boa, a gente tinha material muito bom sabe? Era a [Dulce Vítoc], quem mais que eu lembro? Celina Bittencourt, é, Enny Ennes; aquela que operou da orelha, a, esqueci o nome, iii, a cabeça hoje não funciona não, mas tinha uma turma boa mesmo! Ah! Eu trabalhava com a Júlia Alencar à noite. Eu trabalhava à noite que eu tinha outro serviço durante o dia né? Eu fazia noturno.

Ĝ.: Lá em Santos, em Santos e no Rio de Janeiro, você ficou quanto tempo lá?

T.: Oh, em Santos [SP] eu demorei mais tempo, em Santos eu tive uma experiência muito boa, que naquela época tava começando a indicação de hibernação artificial pra pacientes de traumatismo craniano, né? Então eu, afundei nesse projeto lá com o traumatologista, e foi assim um “trem” muito gostoso, muito bom, que era novidade, sabe? E, notícia corria, então a

gente era sempre entrevistada, um serviço de muita responsabilidade. Eu trabalhei um ano também, como é que chama a cidade, Araraquara [SP], lá eu consegui botar uma unidadezinha de, de prematuros, que lá era quase assim a rotina, uma Santa Casa pobre, nasceu prematuro, o médico para não ter que voltar depois, quase que já deixava o atestado de óbito pronto, sabe? Então, eu consegui, tinha um médico mais novo, mais interessado e eu fiquei trabalhando no berçário e achava aquilo horrível, comentava com ele, sabe ...

[FINAL DA FITA 1 – LADO B]

FITA 2 - LADO A

T.: Profissionalmente eu me senti muito bem, nessas, digamos três, três projetos assim, que eu envolvi mais, e consegui desenvolver né? Aqui no Sesc, com o serviço do senso torácico com vacinação; e em Araraquara...

G.: Serviço, serviço de que? De senso ...

T.: Senso torácico. Então ali a abreugrafia e tal, e fazíamos com essas firmas, com estes comerciários todos e esse serviço de Araraquara, uma unidade de prematuros; e lá em Santos na Traumatologia com a hibernação artificial que estava começando no Brasil.

G.: Nesse período de sua vida profissional, você fez mais alguns cursos ou não? Teve oportunidade?

T.: Não. Eu vinha fazer outro curso, quando o Estado abriu o concurso, né? Então eram poucas vagas e tudo, aí eu fiz o curso de preparação e reciclagem aqui na Escola de Saúde Pública, sabe, pra fazer, e fiquei super feliz com o resultado, que o 1º lugar foi de Adelaide Esteves, que era professora da Escola; e o 2º lugar foi meu! Me deu um orgulho danado sabe, teve mais professoras lá pra baixo, Terezinha Cardoso, professora de psiquiatria; lá pra baixo; eu fiquei lá. Me deu um orgulho danado sabe? Depois de tantos anos de formada e conseguir! Aí eu consegui. Aí eu entrei e fui pro Sávio Nunes, gastroenterite.

G.: E lá você ficou até ...

T.: Até a Luciana nascer [filha]. E quando a Luciana nasceu em 71 né Lu? Aí eu não quis mais ficar mais em Hospital não, que ali envolvia a gente dia e noite. Eu peguei a chefia, sabe? Era dia e noite, mas aquilo não tinha, e com criança nova né? Aí pedi para ir para uma unidade sanitária, eu fui lá pro... como é que chama aquele que tem na Escola de Saúde Pública; é Orestes Diniz? Não.

V.: Oswaldo Cruz?

T.: Oswaldo Cruz. Aí eu fui pro Oswaldo Cruz, aí começou a implantação do BCG intradérmico, aí a Nazarena me falou para ficar nesse programa. Aí eu fiquei no, no programa de BCG intradérmico, nós, nós fizemos a cobertura, fizemos o treinamento de pessoal na Capital e no interior, sabe?

G.: E ... e depois disso, você trabalhou até, você falou que até setenta ...

T.: [19]75. Aí eu tava trabalhando no, no, não, já tinha pedido demissão do Sesc, já tava meio cansada, eu tava só na Saúde Pública, aí o câncer me pegou [fazendo gesto com as mãos fechadas]. Aí me aposentaram por invalidez.

G.: Ah! Você aposentou em setenta e ...

T.: Em [19]77, porque fiquei de 75 até 77 no tratamento, aí quando a perícia, que eu fui para última perícia, eles não renovaram a licença não. Me aposentaram, e eu fiquei em casa.

G.: Isso tudo aqui é “retalho de barriga” isso não é meu, não. Tirou, reconstruiu com retalho de barriga.

V.: Como é que foi essa experiência como paciente, cliente?

T.: Nossa! Foi desespera... Nossa Senhora, mas é um trem tão doloroso! Porque a Luciana estava com 4 anos ainda né? E, e, sabe, um noduluzinho, mas era um baguinho de feijão, viu! Eu percebi em março, descuidei até setembro. Setembro quando eu fui para a cirurgia, aí o, o, médico falou que seria uma biópsia, qualquer coisa não sei o que, não sei que lá, mas pediu lá autorização pro marido e me tirou ovário, tirou mama, fez aquele esvaziamento total, né, de vaso linfático, é, peitoral, tudo, né! E, aí eu entrei na menopausa direto, tirou os ovários, mas que coisa horrível que é menina, você não está preparada psicologicamente, você não está, não é? Doença, nunca você acha que está preparada para aceitar, mas foi muito assim brusco, sabe, muito, sabe, ruim mesmo sabe? Eu fiz quimioterapia, eu fiz o “diabo a quatro”, graças a Deus, estou viva né! E eu fiquei 18 anos, depois de 18 anos que eu resolvi fazer plástica, mexer né? Mas, graças a Deus estou viva né?

V.: Nessa época como é que você viu a enfermagem cuidando de você?

T.: Olha, essa Lêda [inaudível], que nós vimos ali, que formou em [19]49, né Lu, essa aí não saiu da minha cabeceira, em lugar nenhum, no hospital, aqui em casa, na quimioterapia, quer dizer: foi, foi meu anjo sabe? Foi a que me deu segurança, né? Porque o hospital, assim, mesmo o Mater Dei, né, Nossa Senhora, quando eu fui fazer essa reconstrução assim no Mater Dei, né Lú, quanta mancada, né? Que depois naquele relatório que eles pedem eu pus, né?

V.: Isso, já agora na década de 90?

T.: Agora, foi. Tem quatro anos né Lu, que eu fiz a reconstrução. Não, cinco né? Eu desquitei quando? Tem cinco anos, seis então, porque foi antes de desquitar ... é... A Lu já tava lá, foi é, que eu fiz essa reconstrução. E por exemplo, eu “penei” muito, que antes não havia reposição hormonal, né? Não podia, depois de um câncer, né, há poucos aninhos atrás é que pode né? Então, agora eu me sinto melhor né, com reposição hormonal, e tal né. E antes não tinha, não, não pude né?

G.: Diante disso, dessa sua experiência tanto ajudando as pacientes como paciente, você que fez enfermagem quer dizer, na década de 50, como você vê a diferença da enfermagem daquela época com enfermagem de hoje?

T.: Ah não sei! Hoje tá uma bagunça, diga-se, né? Nossa Senhora! Você vê, entra aí num hospital, né? Que coisa! A Lu diz que o Pronto Socorro parece o de 1º mundo. Lá eu não tive contato, mas esses antes aí que eu internei, não, eu não gostei não, viu? Nem o Mater Dei.

V.: Que é Hospital particular, né?

T.: Nem! não.

G.: E a sua participação, Teresinha, na Associação Brasileira de Enfermagem?

T.: Ó, eu nunca participei muito não! Apesar de ser, de ter sido muito convidada, sempre encontrava com o pessoal, tinha notícia, sabe, não, fui meio, meio ausente. Porque eu sempre mantive assim: casamento, filho, dois empregos, muita luta, não, não tinha assim muita, sabe? *

V.: Você falou que participou de, e depois de formar, você participou de algum congresso?

T.: Não. Por exemplo, esse que teve agora do centenário, eu fui convidada para trabalhar sabe? Fui numas reuniões e tudo, mas a Lu ia ganhar neném em Setembro e depois não sei se ela ia ficar aqui ou não ia. Eu fiquei com medo de me comprometer sabe? Meu compromisso 1º é com ela e com a prole dela! E aí, eu com isso, eu não, não participei de algumas reuniões preparatórias, mas acabei não ...

V.: E outro congresso que você foi nesse tempo todo?

T.: Foi só esse. Ah é! Teve um outro aqui em Belo Horizonte [MG] que eu participei, nós tentamos fazer uma reunião de turma, vieram muito poucas, sabe, vieram muito poucas. Nós tentamos fazer uma reunião. Agora, se a gente, se eu tiver viva, com uns 50 anos vamos fazer outra tentativa de reunir. E teve uma ocasião que a Escola reuniu também, como é que foi? A Escola fez uma convocação para ex-alunas, eu fui e encontrei algumas. Mas tem muito tempo isso! Acho que foi lá pra 1980 por aí. A Escola reuniu ex-alunas.

G.: [19]83.

V.: 50 anos da Escola.

T.: Ah! 50 anos da Escola!

G.: E COREN [Conselho Regional de Enfermagem], sindicato também, sua participação ...

T.: COREN de vez em quando eu vou lá, e já até recebi um diplomazinho de honra ao mérito deles, que eu pedi remissão, para não pagar mais anuidade, já que eu tô aposentada e tudo né? Eles me deram um documentinho bonitinho, sabe? De elogios, e não pago não. Sindicato a Lu que andou indo lá até uma pessoa que atendeu ela lá, falou gostaria muito de ter enfermeiras antigas, que tem muito procura. Como é que é a história Lu? Que há muita procura pra gente mais antiga, mas eu não, não volto à ativa assim não. Eu gostaria assim, se eu ficasse com um tempo disponível, que por enquanto eu tô assim muito, com filho e neto né? Eu ter, fazer serviço voluntário sabe, mas vínculo de emprego não, sabe. Agora, um serviço voluntário eu gostaria, sabe? Eu gostaria, por exemplo com , mastecto..., mastectomizadas né, eu gostaria sabe? Por exemplo a minha ginecologista mesmo fala da dificuldade que ela tem de, depois disso e tudo né? Eu falei, ah eu gostaria se organizasse algum tipo de, uma associaçõzinha, um grupo pra gente discutir isso, né! Passar minha experiência pra elas.

G.: Importante. Mais alguma coisa que você quer comentar, que você lembra, que você acha que é importante ficar registrado na história da Escola?

T.: Não, acho que, eu tava, eu tava bem esquecida de tudo, depois daquele dia que eu fui lá na Escola, que eu fui começar a pensar, pensar, pensar, mas tanta coisa que, que fugiu sabe?

V.: Teresinha fala pra nós o que você sentiu ao ir lá, voltar à Escola agora.

T.: Nossa Senhora, as pernas tremeram, que eu quase que não entrei, né. Mas me deu uma emoção! Agora o que eu senti lá depois que eu tava lá dentro que desfigurou demais, né.

V.: A casa.

T.: Por fora parece que, por fora eu ainda tenho a impressão que era maior do que aquilo, mas lá por dentro não deu mais assim pra eu sentir que tava em casa, entendeu? Pelo menos aquela escada não era ali, e tudo, né, e eu não tive acesso a outra parte nem os fundos, não sei, tem mais coisa pro fundo, então tiraram fatia mesmo! Fatiaram, que eu, minha idéia era assim, sabe, eu falei assim, quando a gente é criança, que você acha o negócio é enorme, e depois vai ver de adulto e não é, tem razão, que a sua proporção, né! Mas eu já era adulta [risos] então não achei, né, que era aquela coisa assuntosa, de época!

G.: Ô Teresinha, mas é, você diz que tinha feito um roteiro, nós, é, saímos desse roteiro ou tem alguma coisa que você gostaria de complementar?

T.: Não, acho que não, acho que não; até depois vocês levam que, que se quiser ler, a, a, ...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Você recebeu convite pra mostra? Como é que foi? Como é que você foi?

T.: Recebi. Aí eu senti assim que não ia agüentar ir. Porque nunca mais entrei naquela casa. Eu passava, quando era Colégio Promove, dava uma vontade de pedir pra entrar, eu queria rever, né. Mas você quer entrar pra que, pra te encontrar nova, encontrar seu pessoal, né, sua turma [emoção, choro] ... Aí eu senti que não ia agüentar, e falei com a Luciana: 'você me leva LU, você vai comigo?'. 'Vou, mãe'. Eu fui, porque ela foi.

L.: A gente tinha combinado de ir antes. Ia demorar alguns dias pra ela ir.

T.: Ainda fiquei sabe? Queria ... eu não sei sabe? Eu, eu tinha essa impressão, que eu tava na busca da mocidade e das amigas [choro], não era da parede, do teto, do chão né? Então eu tinha medo de enfrentar esse impacto. Mas pra mim foi bom ter enfrentando, porque eu vi que não tem nada a ver; que não é aquela casa, não é, né.

V.: Hum , hum.

T.: Não é, né?

G.: Porque no tempo que você viveu interna ... [sobreposição de vozes]

T.: Quer dizer, com a modificação interna eu não vi lá o refeitório, não vi a capela, não vi o, o, o lugar que eu tinha minha cama, né, não vi, né.

V.: E as fotos?

T.: Ahm?

V.: E a mostra?

T.: A mostra lá eu, tinha uma da minha turma, né? Eu reconheci alguma coisa lá, por exemplo, esse salão que talvez não exista mais, que era o refeitório, onde nos fazíamos nossas solenidades, tem lá, sabe? Tem lá.

V.: As fotos, né?

T.: É, pena que não teve do hospital, né? Que o Hospital é, era maravilhoso. Era o mesmo estilo arquitetônico do, da antiga Escola da medicina que eu tenho foto dela, da Escola.

V.: Muito Bem! Então vamos passar pra suas fotos, pra ver as suas fotos.

T.: Vocês não querem um cafezinho primeiro?

V.: A gente agradece 1º a sua participação, a sua entrevista e vamos agora tomar o café e depois a gente vê as fotos.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Conta pra gente essa história do uniforme depois de formada?

T.: Depois de formada, cada Escola exigia que seu aluno apresentasse em outro serviço com seu uniforme ainda. Então, por exemplo aqui eu fui trabalhar na Santa Casa de Santos. Tinha

gente da Anna Nery, da Luiza de Marillac, do Hospital São Paulo né? E cada um com seu uniforme.

V.: O que que diferenciava um uniforme do outro? Aqui a touca ...

T.: Ah, olha só! Olha os aventais, a touca, essa aqui ainda usava véu, não sei de que Escola que era. Tá vendo [mostrando a foto].

V.: Hum, hum.

T.: Aqui óh, a minha Escola, a minha Escola.

V.: A touca era mais com ...

T.: É, aqui óh... a minha, a minha, né? Não éramos só três, que saíram no retrato né. E essa aqui já tá de véu, aí ó, nota pra você vê.

V.: É, é muito, é bem diferente.

T.: Quase que a, a ...

V.: Ah que ótimo.

T.: Esse aqui se vocês quiserem de doação, fui o único livro que eu tive de enfermagem na minha vida. Olha esse.

V.: Ah ... Esse é o primeiro livro que a Waleska Paixão escreveu.

T.: É.

V.: Ela escreveu em [19]49, 51 a 1ª edição, e no prefácio dela, não sei se esse tem, prefácio da primeira, ela fala aqui, aqui olha! Durante doze anos é, esse livro é resultado dos 12 anos que ela deu essa disciplina dos quais na primeira, na Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

T.: Hum, hum.

V.: Então era reporta. Olha que interessante!

T.: Oh! Ah, que isso aqui, gente é maravilhoso. Isso aqui era o terraço lá da Escola [outra foto] tá vendo essa casa da esquina, ainda existe.

V.: Sim!

T.: Tá vendo? Era o terraço

V.: Aqui é frente?

T.: A frente da Escola aqui, você olha aqui, pro cê ver. Essa casa ainda existe, aqui não. Essa aqui ainda existe, né?

G.: Existe, lá mesmo, eu lembro.

T.: Então, a gente subia demais nesse terraço 🌙

G.: Ah, essa foto histórica pra nós!

T.: Porque tinha um quartinho chamava coruja, quem trabalhava à noite, ia lá esconder na coruja pra mim. É quem queria quarar uma calcinha, uma coisinha ...

[FINAL FITA 2 LADO A]

[FINAL DA ENTREVISTA]

[FITA 2 LADO B NÃO FOI GRAVADO]

FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 06/08/98

Local: Belo Horizonte

Número de Fitas: 02

Duração: Em torno de 75 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Luciana Rodrigues da Anunciação

Traços Biográficos e Sumário: Luciana Rodrigues da Anunciação

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira